

CADERNO DE SABERES: APRENDENDO HISTÓRIAS NO PORTO NOVO

Knowledge notebook: learning histories in Porto Novo

Maria Amélia Medeiros Mano¹, Débora Wobeto²

RESUMO

Com a intenção de registrar os movimentos e histórias de uma comunidade em processo de remoção de seu território, o Projeto de Extensão Popular Memórias da Vila Dique, há 5 anos realiza atividades comunitárias com moradores da Vila Dique e Porto Novo. Atualmente, dentro da proposta, o Projeto Caderno de Saberes se concentra na rememoração e registro de histórias individuais de moradores que, de alguma forma, ausentes dos processos coletivos, com ofícios simples e singelos, presenteiam profissionais de saúde, estudantes e pesquisadores com seus saberes, seus cotidianos e a riqueza de seus relatos e visões de vida. Indicadas por agentes comunitários de saúde, foram feitas 7 entrevistas nos domicílios, onde as vidas, as relações e os saberes se fazem mais reais. A intenção do Caderno de Saberes, diferente das ações anteriores, não está restrita às histórias da comunidade e dos territórios da Vila Dique e do Porto Novo. É, acima de tudo, contar um pouco das histórias desses 7 moradores e suas relações com a comunidade e os movimentos no território. Algo que é micro, quase invisível, mas que redimensiona, qualifica e ressignifica os grandes processos e lutas.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Ciências Sociais; Saúde Pública; Educação; Relações Comunidade-Instituição.

ABSTRACT

With the intention of registering the movements and histories about a community in process of removal from their territory, the Memories of Vila Dique extension project has been conducting, for 5 years, community activities with residents of Vila Dique and Porto Novo. Currently, within this proposal, the Knowledge Notebook Project focuses on remembering and recording individual histories of locals who somehow, absent collective processes, and with simple individual crafts, present health professionals, students, and researchers with their knowledge, their daily lives, and the richness of their narratives and views of life. Indicated by Community Health Agents (CHA), 7 interviews were done in the households, where the lives, relationships, and knowledge are made more real. The Knowledge Notebook's purpose, different from previous actions, is not restricted to the histories of the community and the territories of Vila Dique and Porto Novo. It is, above all, to recount a few of these 7 residents' stories and their relationships with the community and the movements in the territory. Something that is micro-level, almost invisible, but that resizes, qualifies, and reframes the grand processes of popular struggle.

KEYWORDS: Memory; Social Sciences; Public Health; Education; Community-Institutional Relations.

¹ Especialista em Medicina de Família e Comunidade e em Medicina Preventiva e Social. Sanitarista. Mestre em Educação. Serviço de Saúde Comunitária - Grupo Hospitalar Conceição. E-mail: maria.amelia.mano@gmail.com.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

Pequenos e grandes movimentos

Em maio de 2015, na fronteira do Marrocos com a Espanha, ao revistarem a mala de uma jovem muito nervosa, foi descoberto um menino negro da Costa do Marfim, com apenas oito anos de idade. Logo que descoberto, o menino de olhos assustados, se desvencilhou das roupas que o envolviam e disse: "Olá, meu nome é Abou".¹ Os noticiários se referiam a ele como "clandestino", "africano", "subsaariano". No entanto, a primeira reação da criança foi dizer seu nome, sair do anonimato que condena todos os que, como Abou, buscam novas chances de sobreviver, todos os que morrem nas travessias dos barcos, todos os que são expulsos de suas terras, todos os que não têm o raro privilégio de serem apresentados ao mundo sob uma outra lógica livre de rótulos sociais, com nome, sobrenome e história.

Há cinco anos o Projeto Memórias da Vila Dique² se preocupa com os nomes e sobrenomes, com as histórias. O anonimato e a garantia de sigilo tão sacralizados nos comitês de ética em pesquisa como forma de proteção e prova de desenho ético de uma investigação, que são problematizados tanto em grupo como com cada um, cada sujeito, em individual. E o que cada um quer é ser apresentado ao mundo tal qual Abou se apresentou. Não querem ser as vítimas de uma remoção forçada, não querem ser as mulheres do clube de mães, não querem ser os moradores de um novo território de novas lutas. Querem ser Aramito, Geo, Ângela, Anastácio, Zulma, Márcia Andreia, Mário e tantos outros que com seus nomes e histórias constroem, conosco, este projeto que é sempre processo e descoberta.

Assim, esta é uma escrita que nasce do "pequeno relato", do "pequeno movimento", ainda no território da Vila Dique, quando as pessoas, em consultas médicas, contavam seus medos e suas dores relacionadas à remoção da comunidade para um outro território distante, desconhecido e diverso. A remoção de famílias, que há mais de 40 anos haviam construído laços de amizade e lutas, era e é mais um resultado do megaevento da Copa do Mundo de 2014. Localizada ao lado da pista do único aeroporto de Porto Alegre, uma das sedes da copa, a Vila Dique que sempre sofreu com a transitoriedade – sendo território de ocupações irregulares – e o abandono do poder público, passou a ser palco de disputa e, nos períodos de remoção, um verdadeiro palco de guerra, com escombros, restos, destruição e abandono.

A necessidade de publicizar, trazer e sistematizar as histórias, a necessidade de nomear, de denunciar, de regis-

trar e de acompanhar os trajetos, os caminhos de asfalto e barro é o que consolidou a parceria do serviço de saúde - Grupo Hospitalar Conceição – GHC - com a academia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Surgiu a ação de extensão e após, o Projeto de Extensão Memórias da Vila Dique que, com recursos do PROEXT-MEC, iniciou uma série de ações com os moradores sendo que as mais marcantes foram as rodas de memória. A partir das rodas de memória e outras metodologias agregadas, se produziram duas publicações unindo falas de moradores e impressões de bolsistas. Ainda, há a produção de um videodocumentário, um curta metragem e um caderno pedagógico com possibilidades de desenho, escrita e outros jeitos de contar a história que segue como seguem as remoções.

Já no novo território, o Loteamento Porto Novo, há as novas lutas e parcerias – Faculdade de Arquitetura e Faculdade de Direito – e a construção de intervenções em espaços públicos, aparelhos sociais, com fotos e falas, informações e desenhos, as chamadas "marcas de memória" idealizadas junto com a comunidade e que servem de registro histórico e afetivo para os que frequentam esses espaços. Seriam esses os "grandes movimentos" com grande visibilidade e repercussão: lançamentos, autógrafos, reconhecimento em eventos e espaços culturais públicos tradicionais. Vários moradores que participaram das rodas, das oficinas de fotografia e dos vídeos se fizeram presentes, saíram do anonimato, obviamente, de forma devidamente consentida pela assinatura de termos, conforme o formal estabelecido.

Como parte da dinâmica de qualquer realidade, o projeto sofre desafios. Memórias da Vila Dique precisou escutar novas falas, novos sujeitos, novas lideranças, novos jeitos de estar junto. Entender que os tempos de destruição passaram e a relativa acomodação em um "domicílio legal" trouxe também um olhar para o presente e para o futuro. As pessoas querem enfeitar as ruas, querem arrumar as casas, os pequenos jardins e quintais, as hortas. Os meninos querem uma pista de skate. As pessoas também se sensibilizam com novas situações de violência. E, nesse contexto, o projeto se volta novamente para o que o inspirou: o pequeno movimento. Inicia, assim, uma série de entrevistas individuais, domiciliares, abordando os saberes, os sentires e as experiências geradas por esses saberes.

Desde o tocador de sanfona que é afiador de facas, a doceira oficial, a cantora de hinos religiosos, a artesã que faz arte do lixo, o construtor de casinhas de cachorro, o pai-de-santo que joga búzios e o agente comunitário de saúde. Ainda, sobretudo: nomes. Gente que não estava presente nas rodas. Histórias que de tão singelas e sensíveis, talvez nunca aparecessem no coletivo. Gente que faz

parte da história da Vila Dique e do Porto Novo. Gente que com a experiência, o relato e a arte própria de cada ofício diz muito do invisível, do valioso que uma comunidade pode guardar, pode ensinar, pode trocar. O presente artigo é, portanto, a reflexão sobre esse movimento do pequeno ao grande e deste, novamente ao pequeno, como necessidade de aprofundar histórias e experiências, entender relações, o território e mostrar a beleza. A beleza do pequeno. Porque a vida é mesmo sempre a necessidade de resgate, de retorno ao que é essencial.

Memórias da Vila Dique: remoções, rodas, hortas, skate, saberes e emoções

O projeto é uma parceria entre Unidade de Saúde Santíssima Trindade – USST- do Serviço de Saúde Comunitária – SSC-GHC – e Faculdade de Educação – Faced- Ensino de História, consolidada, desde 2010. A atual equipe conta com a médica, coordenadora local do projeto, e a agente comunitária de saúde da USST, unidade que assiste a comunidade há mais de 15 anos, sendo que há três anos, também foi removida para o novo território. Sendo uma unidade docente assistencial, onde é campo para a Residência de Medicina de Família e Comunidade e Residência Integrada em Saúde, a cada ano, novos residentes chegam e os que desejarem, podem se integrar à equipe do projeto. Atualmente, há duas psicólogas residentes. Há duas professoras universitárias da área de ensino de história da UFRGS. Uma é a coordenadora do projeto via Universidade. Como bolsistas, há uma graduanda em História, um graduando em Educação Física e uma cientista social, bem como voluntários.

A composição da equipe que muda a cada ano com novos residentes e bolsistas, respondendo a diferentes ideias e projetos, é rica e traz trocas inusitadas e desafiadoras. Alunos, pesquisadores e profissionais de saúde envolvidos entendem que é preciso superar suas especificidades profissionais e percorrer outras áreas, se aventurar, perguntar. A publicação *Da Vila Dique ao Porto Novo*:³ extensão popular, rodas de memórias e remoções urbanas resumem não só o projeto em si, mas parte do arsenal de conhecimentos necessários para a abordagem da Vila Dique, do Porto Novo e da compreensão das experiências vividas com e, a partir do projeto, das inserções e das estratégias, cada vez mais instigantes e surpreendentes, tais quais são os novos desafios cotidianos da comunidade.

A interdisciplinaridade se faz presente nas discussões sobre os conceitos e metodologias importantes como a roda de memória, história oral, memória e narrativas, território, remoções urbanas, sistematização de experiências, uso de imagem, educação popular, extensão popular, di-

reito à cidade, entre outros. Importante ressaltar, em meio a essa colcha de retalhos bem costurada, a ideia da roda de memórias como ponto principal. A roda é um grande encontro de pares que compartilham e compartilharam um tempo, um território e experiências de vida. É bem planejado com convites previamente feitos, com o aconchego e a descontração de um café com bolo. Não há perguntas e respostas. Os participantes podem falar livremente, de forma espontânea e cada um “puxa” uma história que o outro complementa ou mesmo inicia outra versão, outra história. Assim, é uma estratégia que exige reunião, espaço, formação de um grupo que não é rígido ou fechado, mas se constitui como coletivo.

Após cinco anos, não há exaustão de planos e jeitos, há outros olhares e necessidades. Assim, o olhar do projeto, agora, está focado no novo território, nos pequenos grupos que se organizam em torno de uma prática ou um desejo que de alguma forma tem a ver com a apropriação desse novo território: o grupo de meninos skatistas e seus desafios e o grupo da horta comunitária, composto essencialmente pelas mulheres do Clube de Mães Margarida Alves, entidade de mães-mulheres lutadoras que garantiram aparelhos sociais na Vila Dique e a permanência dos mesmos no Porto Novo. Também ambos se constituem em campo de observação participante, com registro e sistematização. No entanto, tal qual as rodas, se constituem em grupos. Grupo que foi surgindo espontaneamente – skate – e nos fomentou a aproximação e o incentivo e grupo que se constituiu sob o nosso estímulo – horta – sendo que não é mais do que uma resposta a uma demanda já existente.

A complexidade e a rapidez com que as mudanças no território acontecem, sem falar das disputas de território, do tráfico de drogas não permitiram a realização da tradicional roda de memória, atividade coletiva fundante do projeto. Tal fato e mais a necessidade de buscar pessoas que, por afazeres e cansaços, não acessavam as rodas e, portanto, não traziam suas vivências e caminhos, levou à escolha pela entrevista individual. Para além do contexto, a escolha já era um desejo, seja pela importância do micro, seja pelas limitações das rodas de memória, seja pela percepção de que o projeto poderia retornar ao que o desafiou e sensibilizou: o sentimento das pessoas.

Havia o desafio, então, de trazer o individual, voltar ao pequeno e para tal, o que, chamamos, provisoriamente, Projeto Saberes. Para 2015, então, a ideia era a reunião e a sistematização de histórias de dons e saberes de moradores. Uma coletânea de conhecimentos de diversas naturezas que pudessem ser contados e registrados. A identificação de “personagens”, pessoas que com características reconhecidas na/da comunidade que fazem

parte da história recente do Porto Novo. Assim, a partir da indicação de agentes comunitários de saúde, chegamos a sete pessoas. Cada uma foi entrevistada em seu domicílio em horário previamente combinado. Também foram feitos registros fotográficos e filmagens. Todos foram especialmente generosos, mostrando não só o que sabiam, o que sabem, o que sentem. Compartilharam momentos, fotos de momentos, pequenas e grandes recordações, alguns segredos não revelados e um pouco da magia que só o pequeno é capaz de imantar.

Não se pretende, enquanto produto inicial, com esse Projeto, um relatório de pesquisa. Tampouco um relato de experiência para fins de exemplo e aprendizado. Ambas as opções são possíveis, desejadas a futuro e valiosas nos campos das Ciências Sociais e Saúde, Ensino de História, Formação em Serviço, Extensão Popular e Educação Popular, entre outros. Pretende-se a publicação das falas, das histórias resumidas e das fotos do que chamamos, provisoriamente, Caderno de Saberes. Todo o processo de entrevista, escolha de trechos, fotos e escrita sobre cada sujeito deverá ser compartilhado com o mesmo e ainda está em processo de escolha e discussão. O Caderno de Saberes está mais para um caderno de artes. As artes de ser, de se fazer, de saber em uma comunidade vulnerável de riquezas invisíveis.

Descrição breve de cada entrevista

À medida que o Projeto Saberes é desenhado, uma pequena lista de nomes iniciais também surge. A tentativa de aproximação para a primeira entrevista e a conversa em uma das salas da Unidade de Saúde nos levam até a casa de Georsélia, 38 anos, agente comunitária de saúde, que foi moradora da Vila Dique, por nove anos. Enquanto caminhamos, Geo se mostra curiosa com o que estamos fazendo e parece gostar da ideia, trazendo mais nomes para nossa lista de entrevistas.

Técnica em informática, educadora física e especializada em gestão escolar, Geo veio da Bahia e já foi coreógrafa de bandas de forró, atuou em espetáculos de teatro e viajou o Brasil inteiro. Em 1997, aos 19 anos, conheceu o Rio Grande do Sul e resolveu ficar. Surge, então, a Igreja Adventista, o marido, a Vila Dique, a unidade de saúde, o Porto Novo, o filho Thiago e, nesse percurso, novos caminhos, novos saberes e fazeres. O encontro com a Igreja Adventista foi seu encontro com o canto.

Procuramos nesse encontro-entrevista-café capturar um pouco da trajetória da moradora e sua relação com o canto – sua gênese, suas travessias e aspirações. Ela nos ensina a diferença entre hino e louvor, conta sobre a última apresentação que fez na igreja onde o marido prega

os truques para ‘consertar’ a voz mesmo com amigdalite e nos apresenta um vídeo em que está regendo um coral de crianças na Vila Dique, há pelo menos dez anos.

O trabalho com as crianças também é marca do trabalho do agente comunitário de saúde Aramito que, desde 2004, integra a equipe da Unidade de Saúde. Ele lembra, com saudade, dos grupos de criatividade infantil, onde uma escova de dentes era mais esperada do que um brinquedo. Com a remoção, a reconstrução do grupo pareceu inviável, mesmo assim, seus movimentos na comunidade que diz conhecer por inteiro, são percebidos, agora, também com outro tipo de cuidado.

Hoje – em parceria com sua irmã Rô, também agente de saúde – usa seu tempo livre para construir casinhas de cachorro. Depois da primeira casinha, construída para o cachorro abandonado ‘Pé de Pano’, Aramito enfileira casinhas coloridas, tal qual as casas do Porto Novo, para abrigar cães de rua e também para doação a vizinhos, que não sabem construir ou não podem comprar uma casinha.

O intenso processo de reforma, acréscimo e remodelação nas casas do conjunto habitacional, garante a Aramito todo material de que precisa: telhas, madeira, pregos, isolante térmico e solidariedade, afinal, tudo é doado. Sua garagem é usada como salão de festas e como oficina; os fundos da casa, como depósito do que ainda precisa se transformar em casinha; e no pátio, correm livres os quatro cachorros adotados por Aramito e Rô: Pé de Pano, Pretinha, Luz Divina e uma poodle cega, abandonada pela dona.

Além dos adotados, Aramito e Rô cuidam dos cães sem dono que circulam na sua rua. Há cinco casinhas na calçada, com colchão e coberta confeccionados a quatro mãos, potes de ração e água, que são renovados todos os dias. Para alimentá-los, gastam parte de seu salário e, às vezes, recebem doações de ração e restos de comida dos vizinhos – “eles não dormem uma noite sem comer”.

Algumas histórias caminham pelo Porto Novo e descobrem outras histórias. A tarefa de ser agente comunitário de saúde se mescla com a de ser vizinho e amigo. Como ouvintes, saem dos domicílios com muito mais do que uma lista de remédios, de dores ou recomendações. Percorrem o território e com perícia, conhecem a dinâmica de cada casa em que entram. Foi assim, a partir da Rô, que chegamos até Ângela e Mário, moradores da microárea onde ela atua.

“Todo mundo me conhece aqui”, diz Ângela, que vive há dois anos no Porto Novo e viveu 12 anos na Vila Dique, vendendo salgadinhos para as trabalhadoras do galpão de separação de resíduos sólidos e para os trabalhadores do posto de saúde. Desde menina, cozinhava para os cinco irmãos e, aos 12 anos, com a ajuda da avó, adqui-

riu o primeiro livro de receitas, juntando embalagens de uma marca de açúcar e trocando pelo livro em uma dessas promoções. Também ganhou um livro de receitas que as trabalhadoras do galpão encontraram no lixo.

Hoje, Ângela tem mais de dez cadernos de receitas escritos a mão. As ideias podem vir de revistas e, muito especialmente, de programas de televisão. Cada receita tem uma referência de onde e quando foi encontrada-escrita e, não raro, traz referências do dia em que foi copiada: dia bonito, dia triste, dia de sol, dia de chuva (e traz desenhos de sóis e chuvas...). Assim, os cadernos de Ângela admitem os sabores que experimenta nas misturas de ingredientes culinários e os sabores que sente nas misturas de ingredientes de vida. É caderno de receita, é caderno de sentimento. Sabores. Saberes.

Mário, 39 anos, desde os 14 anos trabalha com religião, mas tem uma história de muitos ofícios: “tu tem que ter uma história” e um passado que “é motivo de orgulho”. Assim, Mário foi travesti e se prostituiu. Também já trabalhou com coleta e separação de material reciclável na rua, com carroça e cavalo. Benzeu cobreiro e, hoje, na sua casa de religião, faz festa de santo e joga búzios.

Mário se considera um psicólogo. Escuta e aconselha os que sofrem e precisam de um conforto. Afirma que parte do sofrimento das pessoas, homens e mulheres, está nos “problemas do coração”: amores não correspondidos e amores perdidos. Mas, ao contrário de muitos que prometem a permanência e o resgate dos amores, ele entende que a vida é mais que isso, há problemas maiores como as questões de família e as doenças. Ainda, não há como garantir o amor de outro, algo que depende do desejo de cada um e que as pessoas precisam se conformar com as perdas e seguir adiante.

Lori, outra agente de saúde, indicou Seu Anastácio, 73 anos, que fazia as festas no galpão da Vila Dique com sua sanfona, “sempre entupido de alegria”. Aprendeu “por conta”, “de ouvido”, tocou “pelo mundo”, embora nunca tivesse ultrapassado a fronteira do Rio Grande do Sul. Mas o que é a noção de mundo, quando se tem que ficar preso ao ofício de guarda noturno e sobreviver, também, de pequenos ofícios como o de afiar facas? O mundo é o lugar de trânsito e possibilidades. Onde a bicicleta enfeitada de fitas e cores, levando o afiador de facas, pode levar?

Seu Anastácio guardou-vigiou lugares, afia facas, fez e ainda faz as pessoas dançarem. Presenciou amores e grandes brigas em meio à embriaguez dos bailes de periferia e interior. Compõe, cuida da esposa doente e se orgulha dos filhos que sabem música por partitura, “pelo certo”, “pelo computador”. Imagem simbólica de um conhecimento que é mais certo, melhor, mais valioso quando validado pelo estudo, pelo papel, pela tecnologia. Conhecimento e

saber de mundo percorrido por bicicleta de fitas ao vento, afiador de facas e um “fandango de galpão”.

Zulma e Márcia Andréia, mãe e filha. Vidas unidas pelos laços de sangue e pelo ofício de “bagulhar” (buscar material reciclável nas ruas), separar e vender o que a maioria chama de “lixo” e o que elas chamam de riqueza e sustento. Papel íntegro, sem escrita e sem amassados é “ouro branco”. Ambas “puxaram carrinho”, levavam nas costas a carroça de duas rodas que coletava material, precisando, muitas vezes, serem ajudadas para que conseguissem baixar as hastes dos carrinhos e não fossem erguidas pelo peso do que mal conseguiam carregar.

Criaram filhos. Criam filhos e netos. Na remoção, aprenderam a transformar “lixo em arte”. Associando materiais recicláveis a fios e missangas, restos, retalhos e imaginação se faz um colar de garrafa pet, um brinco de CD, uma pulseira de lacre de água mineral. Também se faz um álbum de histórias e memórias com um livro-ata achado no “lixo” ou com o catálogo antigo de amostras de papéis de parede. Nele, podem-se colar fotos e bilhetes, desenhos de crianças e alguma poesia. Também se colore a casa de enfeites encontrados e com as cores de esmaltes de unhas já vencidos, pintam-se as louças do banheiro.

Zulma e Márcia participam de feiras de artesanato e se orgulham dos elogios das instituições que promovem os eventos. Guardam o que lhes cabe nas pequenas casas: memórias, lutas e indignação com o que é valioso e é posto fora. Mário impõe respeito e se orgulha do que foi, do que é. Seu Anastácio lembra dos tempos antigos de festa e compõe uma música brincalhona sobre a velhice. Ângela criou receita com o nome da filha mais velha, Jéssica, que é o grande sucesso de vendas, mas quer criar um bolo da filha mais nova: o bolo Sofia. Geo ressignifica sua trajetória a partir do filho Thiago, com Síndrome de Down, um presente da vida. Aramito se une ao PSE - Programa Saúde na Escola⁴ e passeia com as crianças pelos corredores da unidade, sorrindo.

DISCUSSÃO

Trajetos e trajetórias

O dia vai chegando ao fim no Porto Novo. Passamos na frente da casa da Ângela e é possível sentir o cheiro de bolo no forno. Atravessamos a rua e as casinhas de cachorro do Aramito começam a ser ocupadas com o frio que vai chegando. Um pouco mais adiante, Geo retorna do trabalho para casa e canta para o filho. Seu Anastácio treina o fole depois de passar o dia afiando facas. Zulma se prepara para uma feira de artesanato e, mais tarde, alguns tambores da casa do Mário anunciam a festa de santo. O

Porto Novo são as ruas disputadas nome a nome, número a número, CEP a CEP. O Porto Novo são os pequenos e grandes grupos. Os que se escondem. Os que aterrorizam. Os que se mostram nas calçadas de fim de tarde, nas manhãs da horta, nas noites de manobras de skate. Mas o Porto Novo são, sobretudo, as pessoas. São as pessoas que fazem a vida e a história do Porto Novo.

Martins⁵ avalia que a recente ausência de certezas científicas trouxe ceticismos e necessidades de refúgios e novas esperanças. Assim, o ponto de referência se volta para o cotidiano e o novo herói é o “homem comum” imerso nesse cotidiano. Martins ainda evoca os novos movimentos sociais e novas lutas e lideranças nascidas da vida vivida que não é somente um resíduo da realidade, mas é o que domina a vida social mundial, é a razão e a mediação fundamental. Em um dia comum, para um homem comum, o que importa, o que faz sentido são os acontecimentos cotidianos, sejam eles, aparentemente, óbvios, insignificantes, repetitivos, caóticos, fragmentados, compreensíveis, inexplicáveis, silenciosos, trágicos ou cômicos.

No entanto, cabe também questionar o termo “comum”, especialmente se desejamos nos voltar ao micro, à imensidão do único, do pequeno: individualizar, aprofundar, entender. Não entendemos as vidas, as histórias e os saberes das pessoas entrevistadas como comuns. Foram tão incomuns e surpreendentes que, por vezes, causaram comoção e espanto. Talvez o comum só exista para o olhar desavisado, superficial. Entrar nas casas das pessoas e ser convidado a participar, mesmo que por horas, da vida cotidiana de cada um, foi e é uma grande aventura. Aventura com capítulos reais que se interlaçam e fazem a alma do Porto Novo. Alma que até se anunciou em muitos momentos das rodas de memória, em grupo. Mas que no encontro na mesa da cozinha, no sofá da sala, em meio aos cadernos de receitas, as fotos de família, o pequeno altar de santos, se mostrou de forma intensa e inteira.

Resultado de escutas e trocas, o Caderno de Saberes, nome provisório da publicação que contará com os relatos, as fotos e o que mais puder ser digitalizado e registrado pretende, de forma humilde e limitada, falar da riqueza e do incomum, do raro e do surpreendente que é a vida dessas pessoas do Porto Novo. Mesmo com as reflexões do visto e vivido, sabemos que apenas nos aproximamos. Sabemos que ainda existem outros nomes com sobrenomes e mais algum tanto de aventura que ainda não descobrimos. Mas entendemos que o que foi produzido a partir do encontro, do diálogo, é prova de que existem saberes imensos, valiosos, dignos de serem compartilhados, aprendidos. Saberes que nos ajudam a entender a realidade, a fragilidade e a fortaleza. Também nos convocam a perguntas e questionamentos.

Questões como: cidadania, generosidade, solidariedade, criatividade, arte, resiliência, lixo, sustento, saúde, doença e fé são parte do que é trazido nas visitas/entrevistas. São ideias e lógicas nascidas não de leituras, mas de vivências muitas vezes duras e sofridas. O lixo é sustento, é saída, é riqueza, é arte. O passado, seja ele ligado à prostituição, seja ligado a busca de resíduos sólidos em carrinho, nas ruas, “bagulhando”, é motivo de orgulho. A ternura dos presentes partilhados, das escritas e desenhos nos rodapés do livro de receitas, do enfeite da bicicleta, da letra da música e da benzedura é a prova de que, por trás de cada aparente caos de uma vila de classes populares, constituída quase que predominantemente de “catadores de lixo,” como a Vila Dique era conhecida, há uma beleza escondida. Também não há como se enganar que por trás de casas iguais, caixinhas em série do Loteamento Porto Novo, há uma diversidade de histórias e jeitos de contar e viver.

Assim, o projeto segue caminhando com os moradores, nomeando, visibilizando e contando as histórias infinitas desta comunidade que, como muitas, não pode ser reduzida a “assentados” ou “removidos”, tal qual o menino Abou não deve ser reduzido a “um africano” ou “um clandestino”. Certamente a história dele, para além de seus rótulos, nos faria entender do contexto dos nomadismos, das expulsões e fugas e da perversidade dos aliciadores, dos traficantes de pessoas. Assim como a imagem da Geo regendo um coral de crianças na beira da faixa onde passam caminhões e ônibus, carros apressados é forte e diz muito. Diz do pequeno nem sempre visível. Para quem passava pela Avenida Dique com medo da feiúra, da violência e da pobreza, não imaginava que, em um beco de casas humildes, havia crianças cantando.

REFERÊNCIAS

1. RBS. Diário Gaúcho. [citado 2015 jun. 24]. Disponível em: <<http://diariogauchoclicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2015/05/crianca-e-encontrada-dentro-de-malapos-fiscalizacao-em-fronteira-na-espanha-4756413.html>>.
2. Memórias da Vila Dique. [citado 2015 jun. 24]. Disponível em: <<http://www.memoriasviladique.com.br/>>.
3. Gil CZV. (org). Da Vila Dique ao Porto Novo: Extensão popular, rodas de memórias e remoções urbanas. São Leopoldo: Oikos; 2013.
4. Ministério da Educação (2013a). Programa Saúde na Escola. [citado 2015 ago. 29]. Disponível em: < <http://>

portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola>.

5. Martins JS. A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Contexto; 2008.

Submissão: setembro de 2015

Aprovação: novembro de 2015
